

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

MARÇO DE 1867

Nº 3

A Homeopatia nas Doenças Morais

Pode a homeopatia modificar as disposições morais? Tal é a pergunta que se fazem alguns médicos homeopatas e à qual não hesitam em responder afirmativamente, apoiando-se em fatos. Levando-se em conta a sua extrema gravidade, vamos examiná-la com cuidado, de um ponto de vista que nos parece ter sido negligenciado por aqueles senhores, por mais espiritualistas e mesmo espíritas que sem dúvida o sejam, porque há pouquíssimos médicos homeopatas que não sejam uma ou outra coisa. Mas, para a compreensão de nossas conclusões, algumas explicações preliminares sobre as modificações dos órgãos cerebrais são necessárias, sobretudo para as pessoas estranhas à fisiologia.

Um princípio que a simples razão faz admitir, que a Ciência constata diariamente, é que nada há de inútil na Natureza, que, até nos mais imperceptíveis detalhes, tudo tem um fim, uma razão de ser, uma destinação. Este princípio é particularmente evidente no que respeita ao organismo dos seres vivos.

Em todos os tempos o cérebro foi considerado como o órgão da transmissão do pensamento e a sede das faculdades

intelectuais e morais. Hoje é reconhecido que certas partes do cérebro têm funções especiais e são afetadas por uma ordem particular de pensamentos e de sentimentos, pelo menos no que concerne à generalidade; é assim que se colocam, instintivamente, na parte anterior, as faculdades do domínio da inteligência, e que uma fronte fortemente deprimida e estreitada, é, para todo o mundo, um sinal de inferioridade intelectual. As faculdades afetivas, os sentimentos e as paixões se acham, por isto mesmo, como tendo sua sede em outras partes do cérebro.

Ora, se se considera que os pensamentos e os sentimentos são excessivamente múltiplos, e partindo do princípio de que tudo tem sua destinação e sua utilidade, é permitido concluir que cada feixe fibroso do cérebro não só corresponde a uma faculdade geral distinta, mas que cada fibra corresponde à manifestação de uma das nuanças desta faculdade, como cada corda de um instrumento corresponde a um som particular. É uma hipótese, sem dúvida, mas que tem todos os caracteres da probabilidade, e cuja negação não infirmaria as conseqüências que deduziremos do princípio geral; ela nos ajudará em nossa explicação.

O pensamento é independente do organismo. Não há por que discutir aqui esta questão, nem refutar a opinião materialista, segundo a qual o pensamento é secretado pelo cérebro, como a bile o é pelo fígado, nasce e morre com esse órgão; além de suas funestas conseqüências morais, esta doutrina tem contra si o fato de nada explicar.

Segundo as doutrinas espiritualistas, que são as da imensa maioria dos homens, não podendo a matéria produzir o pensamento, este é um atributo do Espírito, do ser inteligente, que, quando unido ao corpo, serve-se dos órgãos especialmente destinados à sua transmissão, como se serve dos olhos para ver, dos pés para andar. Sobrevivendo o Espírito ao corpo, o pensamento também lhe sobrevive.

Segundo a Doutrina Espírita, não só o Espírito sobrevive, mas *preexiste* ao corpo; não é um ser novo; traz, ao nascer, as idéias, as qualidades e as imperfeições que possuía; assim se explicam as idéias, as aptidões e os pendores inatos. O pensamento é, pois, *preexistente e sobrevivente* ao organismo. Este ponto é capital e é por não o terem reconhecido que tantas questões ficaram insolúveis.

Estando na Natureza todas as faculdades e aptidões, o cérebro encerra os órgãos, ou, pelo menos, o germe dos órgãos necessários à manifestação de todos os pensamentos. A atividade do pensamento do Espírito sobre um ponto determinado impele ao desenvolvimento da fibra ou, se se quiser, do órgão correspondente; se uma faculdade não existir no Espírito, ou se, existindo, deve ficar em estado latente, o órgão correspondente, estando inativo, não se desenvolve ou se atrofia. Se o órgão for atrofiado congenitamente, não podendo manifestar-se a faculdade, o Espírito parece dele privado, embora de fato o possua, desde que lhe é inerente. Enfim, se o órgão, primitivamente em seu estado normal, se deteriora no curso da vida, a faculdade, de brilhante que era, vai perdendo a cor, depois se apaga, mas não se destrói; é apenas um véu que a obscurece.

Conforme os indivíduos, há faculdades, aptidões, tendências que se manifestam desde o começo da vida, enquanto outras se revelam em épocas mais tardias e produzem as mudanças de caráter e de disposições que se notam em certas pessoas. Neste último caso, geralmente não são disposições novas, mas aptidões preexistentes, que dormitam até que uma circunstância as venha estimular e despertar. Pode-se estar certo de que as disposições viciosas, que por vezes se manifestam subitamente e tardiamente, tinham seu germe preexistente nas imperfeições do Espírito, porque este, marchando sempre para o progresso, se for essencialmente bom não pode tornar-se mau, ao passo que de mau pode tornar-se bom.

O desenvolvimento ou o enfraquecimento dos órgãos cerebrais acompanha o movimento que se opera no Espírito. Essas modificações são favorecidas em todas as idades, mas, sobretudo, na juventude, pelo trabalho íntimo de renovação que se opera incessantemente no organismo, da seguinte maneira:

Como se sabe, os principais elementos do organismo são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que, por suas múltiplas combinações, formam o sangue, os nervos, os músculos, os humores e as diferentes variedades de substâncias. Pela atividade das funções vitais, as moléculas orgânicas são incessantemente expelidas do corpo pela transpiração, pela exalação e por todas as secreções, de sorte que se não fossem substituídas, o corpo se reduziria e acabaria por definhar. O alimento e a aspiração incessantemente trazem novas moléculas, destinadas a substituir as que se vão, de onde se segue que, num dado tempo, todas as moléculas orgânicas são inteiramente renovadas e, numa certa idade, não existe mais uma só das que formavam o corpo em sua origem. É o caso de uma habitação, da qual se arrancassem as pedras uma a uma, substituindo-as à medida por uma nova pedra da mesma forma e tamanho, e assim por diante, até a última. Ter-se-ia sempre a mesma casa, mas formada de pedras diferentes.

Dá-se o mesmo com o corpo, cujos elementos constitutivos são, conforme os fisiologistas, totalmente renovados de sete em sete anos. As diversas partes do organismo sempre subsistem, mas os materiais são mudados. Dessas mudanças gerais ou parciais nascem as modificações que sobrevêm, com a idade, no estado sanitário de certos órgãos, as variações que sofrem os temperamentos, os gostos, os desejos que influem sobre o caráter.

Nem sempre as aquisições e as perdas estão em perfeito equilíbrio. Se as aquisições superam as perdas, o corpo cresce, aumenta; se se dá o contrário, o corpo diminui. Assim se explicam o crescimento, a obesidade, o emagrecimento, a decrepitude.

A mesma causa produz a expansão ou a interrupção do desenvolvimento dos órgãos cerebrais, conforme as modificações que se operam nas preocupações habituais, nas idéias e no caráter. Se as circunstâncias e as causas que agem diretamente sobre o Espírito, provocando o exercício de uma aptidão ou de uma paixão, forem mantidas em estado de inércia, a atividade que se produz no órgão correspondente aí faz afluir o sangue e, com ele, as moléculas constituintes do órgão, que cresce e toma força em proporção desta atividade. Pela mesma razão, a inatividade da faculdade produz o enfraquecimento do órgão, do mesmo modo que uma atividade muito intensa e persistente também pode levar à sua desorganização ou enfraquecimento, por uma espécie de gasto, tal como acontece com uma corda muito esticada.

As aptidões do Espírito são, pois, sempre uma *causa*, e o estado dos órgãos um *efeito*. Pode suceder, entretanto, que o estado dos órgãos seja modificado por uma causa estranha ao Espírito, tal como doença accidental, influência atmosférica ou climática; então são os órgãos que reagem sobre o Espírito, *não alterando as suas faculdades*, mas perturbando a sua *manifestação*.

Um efeito semelhante pode resultar das substâncias ingeridas no estômago, como alimentos ou medicamentos. Essas substâncias aí se decompõem, e os princípios essenciais que encerram, misturados ao sangue, são levados, pela corrente da circulação, a todas as partes do corpo. É reconhecido pela experiência que os princípios ativos de certas substâncias são levados mais particularmente a tal ou qual víscera: o coração, o fígado, os pulmões, etc., e aí produzem efeitos reparadores ou deletérios, conforme sua natureza e propriedades especiais. Algumas, agindo desta maneira sobre o cérebro, podem exercer sobre o conjunto, ou sobre partes determinadas, uma ação estimulante ou estupefaciente, conforme a dose e o temperamento, por exemplo, as bebidas alcoólicas, o ópio e outras.

Nós nos estendemos um pouco sobre os detalhes que precedem, a fim de dar a compreender o princípio sobre o qual pode apoiar-se, com aparência de lógica, a teoria das modificações do estado moral por meios terapêuticos. Esse princípio é o da ação direta de uma substância sobre uma parte do organismo cerebral, tendo por função especial servir à manifestação de uma faculdade, de um sentimento ou de uma paixão, porque não pode vir ao pensamento de ninguém que tal substância possa agir sobre o Espírito.

Admitido, pois, que o princípio das faculdades esteja no Espírito, e não na matéria, suponhamos que se reconheça numa substância a propriedade de modificar as disposições morais, neutralizar uma inclinação má: isto só poderia ser por sua ação sobre o órgão correspondente a essa inclinação, ação que teria por efeito interromper o desenvolvimento desse órgão, atrofiá-lo ou paralisá-lo, se for desenvolvido. Torna-se evidente que, neste caso, não se suprime a inclinação, mas a sua manifestação, absolutamente como se ao músico se tirasse o seu instrumento.

Provavelmente são efeitos desta natureza que certos homeopatas observaram, e que os levaram a crer na possibilidade de corrigir, com o auxílio de medicamentos apropriados, vícios tais como o ciúme, o ódio, o orgulho, a cólera, etc. Uma tal doutrina, se verdadeira, seria a negação de toda responsabilidade moral, a sanção do materialismo, porque, então, a causa de nossas imperfeições estaria só na matéria; a educação moral se reduziria a um tratamento médico; o pior homem poderia tornar-se bom sem grandes esforços, e a Humanidade poderia ser regenerada com o auxílio de algumas pílulas.⁶ Se, ao contrário, como não padece

6 N. do T.: É perfeitamente lógico este raciocínio de Allan Kardec, considerando-se o estado em que se achava a ciência médica do seu tempo. Então não se dispunham dos avanços conquistados no campo da farmacologia, da bioquímica, da genética, da biologia e da engenharia moleculares, que permitiram a síntese de medicamentos de real valor, hoje usados com sucesso nos distúrbios mentais. Embora não curem a doença em si, cujo substrato está no Espírito imortal, é

dúvida, as imperfeições forem inerentes à própria inferioridade do Espírito, não se o melhorará pela modificação de seu invólucro carnal, como não se endireitaria um corcunda, dissimulando sua deformidade sob os tecidos de suas roupas.

Contudo, não duvidamos que tais resultados sejam obtidos em alguns casos particulares, porquanto, para afirmar um fato tão grave, é preciso ter observado; mas estamos convictos de que se enganaram com a causa e o efeito. Por sua natureza etérea os medicamentos homeopáticos têm uma ação de certa forma molecular; sem dúvida podem agir, mais que outros, sobre certas partes elementares e fluídicas dos órgãos e lhes modificar a constituição íntima. Se, pois, como é racional admitir, todos os sentimentos da alma têm sua fibra cerebral correspondente para a sua manifestação, um medicamento que agisse sobre essa fibra, quer para a paralisar, quer para exaltar sua sensibilidade, paralisaria ou exaltaria, por isso mesmo, a *expressão* do sentimento, do qual fosse instrumento, mas o sentimento não deixaria de subsistir. O indivíduo estaria na posição de um assassino a quem se tirasse a possibilidade de cometer homicídios, cortando-lhe os braços, mas que conservasse o desejo de matar. Seria, pois, um paliativo, mas não um remédio curativo. Não se pode agir sobre o ser espiritual senão por meios espirituais; a utilidade dos meios materiais, se fosse constatado o efeito acima, talvez fosse de dominar mais facilmente o Espírito, de o tornar mais flexível, mais dócil e mais acessível às influências morais; mas nos embalaríamos em ilusões se esperássemos de uma medicação qualquer um resultado definitivo e duradouro.

Seria completamente diferente se se tratasse de ajudar a manifestação de uma faculdade existente. Suponhamos um

inegável que trazem certo alívio às partes lesadas, ou supostas como tais, alcançando, quem sabe, o próprio perispírito, e *propiciando uma trégua* ao doente, seguida de visível melhora, a fim de que a sua reforma moral, esta sim, e os recursos da prece e da fluidoterapia possam operar a cura definitiva, na atual ou no curso de outras existências.

Espírito inteligente encarnado, não tendo ao seu serviço senão um cérebro atrofiado e não podendo, por conseguinte, manifestar suas idéias: será para nós um idiota. Admitindo, o que julgamos possível à homeopatia, mais do que a qualquer outro gênero de medicação, que se possa dar mais flexibilidade e sensibilidade às fibras cerebrais, o Espírito manifestaria seu pensamento, como um mudo, ao qual se tivesse desatado a língua. Mas se o Espírito fosse idiota por si mesmo, ainda que tivesse ao seu serviço o cérebro do maior gênio, nem por isso seria menos idiota. Não podendo um medicamento qualquer agir sobre o Espírito, não lhe poderia dar o que não tem, nem tirar o que tem; mas agindo sobre o órgão da transmissão do pensamento, pode facilitar essa transmissão sem que, por isto, nada seja mudado no estado do Espírito. O que é difícil, o mais das vezes mesmo impossível no idiota de nascença, porque há interrupção completa e quase sempre geral do desenvolvimento nos órgãos, torna-se possível quando a alteração é acidental e parcial. Neste caso, não é o Espírito que se aperfeiçoa, são os meios de comunicação.

Exploração das Idéias Espíritas

A PROPÓSITO DA APRECIÇÃO CRÍTICA DE *MIRETA*

Vários jornais referiram-se com elogios ao romance *Mireta*, do qual falamos na *Revista* de fevereiro de 1867. Só podemos cumprimentar os jornalistas, que não se detiveram ante as idéias contidas nessa obra, embora contrárias às suas convicções. É um progresso, porque tempo houve em que o simples colorido espírita teria sido motivo de reprovação. Viu-se com que parcimônia e embaraço os próprios amigos de Théophile Gautier falaram de seu romance *Espírita*. É verdade que, fora do que toca o mundo espiritual, o caráter essencialmente moral de *Mireta* pouco se prestava à zombaria. Por mais céptico que se seja, não se ri daquilo cuja conseqüência é o bem.

A crítica fixou-se principalmente neste ponto: Por que misturar o sobrenatural neste simples relato? Era útil à ação apoiar-se em casos de visões e aparições? Que necessidade tinha o autor de transportar os seus heróis para o mundo *imaginário* da vida espiritual, para chegar à realização da reparação decretada pela Providência? Não temos milhares de histórias edificantes sem o emprego de semelhantes recursos?

Certamente isto não era necessário. Mas diremos a esses senhores: Se o Sr. Sauvage tivesse feito um romance católico, far-lhe-íeis, por mais cépticos que fôsseis, uma censura por empregar como recurso da ação o inferno, o paraíso, os anjos, os demônios e todos os símbolos da fé? Por fazer intervirem os deuses, as deusas, o Olimpo e o Tártaro num romance pagão? Por que, então, achar mau que um escritor, espírita ou não, utilize os elementos oferecidos pelo Espiritismo, que é uma crença como qualquer outra, tendo seu lugar ao sol, se esta crença se presta ao assunto? Com menos forte razão pode ser censurado se, em sua convicção, aí vê um meio providencial para chegar ao castigo dos culpados e à recompensa dos bons.

Se, pois, no pensamento do escritor, essas crenças são verdadeiras, por que não as exporia num romance, tanto quanto numa obra filosófica? Mas há mais: é que, como temos dito muitas vezes, estas mesmas crenças abrem à literatura e às artes um campo vasto e novo de exploração, onde colherão a mancheias quadros comoventes e as mais interessantes situações. Vede o partido que tirou Barbara, por mais incrédulo que fosse, em seu romance *O Assassinato da Ponte Vermelha* (Revista de janeiro de 1867). Apenas, como aconteceu com a arte cristã, os que tiverem fé lhes tirarão melhor proveito; aí encontrarão motivos de inspiração, que jamais terão os que só fazem obras de fantasia.

As idéias espíritas estão no ar; como se sabe, abundam na literatura atual; os mais cépticos escritores a elas recorrem sem

o suspeitar, impelidos pela força mesma do raciocínio, a empregá-las como explicações ou meios de ação. É assim que, muito recentemente, o Sr. Ponson du Terrail, que mais de uma vez divertiu-se à custa do Espiritismo e de seus adeptos, num romance-folhetim intitulado *Mon Village*, publicado no *Moniteur* da tarde (7 de janeiro de 1867), assim se exprime:

“Estas duas crianças já se amam e talvez jamais ousassem dizê-lo.

“Por vezes o amor é instantâneo e facilmente levaria a crer na transmissão das almas e na *pluralidade das existências*. Quem sabe? Estas duas almas, que palpitam ao primeiro contato e que, há pouco, se julgavam desconhecidas uma da outra, *outrora não foram irmãs?*”

“E, quando chegavam na Grand’Rue de Saint-Florentin, cruzaram com um homem que andava muito depressa e que, à sua vista, experimentou uma espécie de comoção elétrica. Esse homem era Mulot, que saía do café Universo. Mas o Sr. Anatole e Mignonne não o viram. Recolhidos e silenciosos, vivendo por assim dizer em si mesmos, *sem dúvida suas almas estavam longe desta terra que pisavam.*”

Então o autor viu no mundo situações semelhantes às que acaba de descrever, e que são um problema para o moralista; não encontra solução lógica senão admitindo que essas duas almas encarnadas, solicitadas uma para a outra por irresistível atração, podiam ter sido irmãs em outra existência. Onde colheu este pensamento? Por certo não foi nas obras espíritas, que provavelmente não leu, como o provam os erros cometidos toda vez que falou da doutrina. Colheu-a nessa corrente de idéias que atravessam o mundo, às quais nem mesmo os incrédulos podem escapar, e que de boa-fé julgam tirar do próprio íntimo. Mesmo combatendo o Espiritismo, trabalham sem o querer para acreditar

os seus princípios. Pouco importa a via pela qual esses princípios se infiltram; mais tarde reconhecerão que só lhe falta o nome.

Sob o título de *Conto de Natal*, o *Avenir National* de 26 de dezembro de 1866 publicava um artigo do Sr. Taxile Delort, escritor muito pouco espírita, como se sabe, no qual o autor supõe um jornalista sentado, na véspera do Natal, ao pé do fogo, perguntando em que se havia tornado a Boa Nova que os anjos, em tal dia, tinham vindo anunciar ao mundo há dois mil anos. Como se entregasse às suas reflexões, o jornalista ouviu uma voz firme e doce, que lhe dizia:

“Eu sou o Espírito; o da Revolução; o Espírito que fortifica os indivíduos e os povos; trabalhadores, de pé! o passado ainda conserva um sopro de vida e desafia o futuro. O progresso, mentira ou utopia! vos gritam; não escuteis estas vozes enganosas; para tomar forças e marchar para frente, olhai um momento para trás de vós.

“O progresso é invencível; ele se serve até dos que lhe resistem para avançar.”

Não acompanharemos o jornalista e o Espírito no diálogo que se estabeleceu entre eles, e no qual este último desdobra o futuro, porque marcham num terreno que nos é interdito; apenas faremos notar que recurso emprega o autor para chegar aos seus fins. Aos seus olhos esse recurso é pura fantasia, mas não nos surpreenderíamos se um verdadeiro Espírito lhe tivesse soprado a frase acima, que sublinhamos.

Neste momento representam no teatro *Ambigüidade* um drama dos mais comoventes, intitulado *Maxwel*, pelo Sr. Jules Barbier. Eis, em duas palavras, o nó da intriga.

Um pobre tecelão, chamado Buttler, é acusado do assassinato de um gentil-homem, e todas as aparências são de tal

modo contra ele que é condenado pelo juiz Maxwel a ser enforcado. Só um homem poderia justificá-lo, mas não se sabe que fim levou. Entretanto, a mulher do tecelão, num acesso de sono sonambúlico, viu esse homem e o descreveu; então poderiam encontrá-lo. Um bom e sábio médico, que acredita no sonambulismo, amigo do juiz Maxwel, vem informá-lo desse incidente, a fim de obter um sursis para a execução. Mas Maxwel, céptico quanto a essas faculdades, que considera sobrenaturais, mantém a sentença e se dá a execução. Algumas semanas depois o homem reaparece e conta o que se passou. A inocência do condenado é demonstrada e a visão da sonâmbula confirmada.

Contudo, o verdadeiro assassino permaneceu desconhecido. Passaram-se quinze anos, durante os quais se sucederam vários incidentes. O juiz, acabrunhado de remorsos, dedica a vida à procura do culpado. A viúva de Butler, que se expatriou levando a filha, morreu na miséria. Mais tarde a filha se torna cortesã da moda, sob outro nome. Uma circunstância fortuita lhe põe nas mãos o cutelo usado pelo assassino; como sua mãe, cai em sonambulismo e esse objeto, como fio condutor, levando-a ao passado, ela conta todas as peripécias do crime e revela o verdadeiro culpado, que não é outro senão o próprio irmão do juiz Maxwel.

Não é a primeira vez que o sonambulismo foi posto em cena; mas o que distingue o drama novo é que é representado sob uma luz eminentemente séria e prática, sem qualquer mistura do maravilhoso e em suas conseqüências mais graves, pois serve de meio de protesto contra a pena de morte. Provando que o que o homem não pode ver com os olhos do corpo não está oculto aos da alma, é demonstrar a existência da alma e sua ação independente da matéria. Do sonambulismo ao Espiritismo a distância não é grande, pois se explicam, se demonstram e se completam um pelo outro; tudo o que tende a propagar um, tende igualmente a propagar o outro. Os Espíritos não se enganaram quando

anunciaram que a idéia espírita surgiria por todos os meios. A dupla vista e a pluralidade das existências, confirmadas pelos fatos e acreditadas por inúmeras publicações, entram cada dia mais nas crenças e não mais surpreendem: são duas portas abertas de par em par ao Espiritismo.

Robinson Crusóé Espírita

Quem suspeitaria que o inocente livro de Robinson fosse marcado pelos princípios do Espiritismo, e que a juventude, em cujas mãos o põem sem desconfiança, aí pudesse colher a doutrina malsã da existência dos Espíritos? Nós mesmos o ignoraríamos ainda, se um dos nossos assinantes não nos tivesse assinalado as passagens seguintes, que se acham nas edições completas, mas não nas edições resumidas.

Esta obra, na qual se viram principalmente aventuras curiosas, próprias para divertir as crianças, é marcada por uma alta filosofia moral e um profundo sentimento religioso.

Lê-se na página 161 (edição ilustrada por Granville):

“Esses pensamentos me inspiraram uma tristeza que durou bastante, mas, enfim, tomaram outra direção; senti quanto devia de reconhecimento ao céu, que me impedira de entregar-me a um perigo, cuja existência eu ignorava. O caso fez nascer em mim uma reflexão, que já me tinha vindo algumas vezes, desde que havia reconhecido quanto, em todos os perigos da vida, a Providência mostra sua bondade por disposições cuja finalidade não compreendemos. Com efeito, muitas vezes saímos dos maiores perigos por vias maravilhosas; muitas vezes um *impulso secreto* nos decide de repente, num momento de grave incerteza, a tomar tal caminho e não outro, que nos teria conduzido à nossa perda.

“Tomei como lei jamais resistir a essas *vozes misteriosas*, que nos convidam a tomar tal partido, a fazer ou não fazer tal coisa, embora nenhuma razão apóie esse impulso secreto. Eu poderia citar mais de um exemplo, onde o acatamento a semelhantes avisos teve pleno sucesso, sobretudo na última parte de minha estada nessa ilha infeliz, sem contar muitas outras ocasiões que me devem ter escapado e às quais eu *teria prestado atenção, se desde logo meus olhos se tivessem aberto sobre este ponto*. Mas nunca é tarde demais para ser prudente, e aconselho a todos os homens refletidos, cuja existência, como a minha, estivesse submetida a acidentes extraordinários, mesmo às vicissitudes mais comuns, a jamais negligenciarem *esses avisos íntimos da Providência, seja qual for a inteligência invisível que no-os transmite*.”

Na página 284:

“Muitas vezes tinha ouvido pessoas muito sensatas dizerem que tudo o que se conta dos fantasmas e das aparições se explica pela força da imaginação; que jamais um Espírito apareceu a quem quer que fosse; mas que, pensando assiduamente nos que perdemos, eles se tornam de tal modo presentes ao pensamento que, em certas circunstâncias, julgamos vê-los, falar-lhes, ouvir suas respostas, e que tudo isto não passa de uma ilusão, uma sombra, uma lembrança.

“Por mim, não posso dizer se atualmente existem *aparições verdadeiras*, espectros, *pessoas mortas que vêm errar pelo mundo*, ou se as histórias que contam sobre tais fatos se fundam apenas em visões de cérebros doentes, de imaginações exaltadas e desordenadas; mas sei que a minha chegou a tal ponto de excitação, lançou-me em tal excesso de vapores fantásticos – não importa que nome lhe queiram dar – que por vezes julgava estar em minha ilha, em meu velho castelo nos confins da mata; via meu Espanhol, o pai de Sexta-feira e os marinheiros condenados que eu tinha deixado nessas paragens; julgava mesmo conversar com eles, e embora bem desperto, olhava-os fixamente, como se estivessem em minha

frente. Isto aconteceu muitas vezes para me amedrontar. Uma vez, em meu sonho, o primeiro Espanhol e o velho selvagem me contaram, em termos tão naturais e tão enérgicos as maldades dos três marinheiros piratas, o que de fato surpreendia. Disseram-me como esses homens perversos tinham tentado assassinar os espanhóis, e como em seguida tinham queimado todas as suas provisões, com a intenção de os fazer morrer de fome. E este fato, *que então eu não podia saber, e que era verdadeiro*, foi-me mostrado tão claramente por minha imaginação, que fiquei convencido de sua realidade. Acreditei-o mesmo na continuação desse sonho. Escutei as queixas do Espanhol com profunda emoção; fiz vir os três culpados diante de mim e os condenei à forca. Ver-se-á, em seu lugar, o que havia de exato no sonho. Mas como tais fatos me foram revelados? *Por que secreta comunicação dos Espíritos invisíveis* me tinham eles trazido? É o que não posso explicar. Nem tudo era literalmente certo; mas os pontos principais eram conforme à realidade, e a conduta infame desses três celerados endurecidos tinha ido além do que se podia supor. Meu sonho, a esse respeito, tinha muita semelhança com os fatos. Além disso, quando me achei na ilha, quis puni-los muito severamente; e se os tivesse mandado enforcar, eu teria sido justificado pelas leis divinas e humanas.”

Na página 289:

“Nada demonstra mais claramente a realidade de uma vida futura e *de um mundo invisível* que o concurso de causas secundárias com certas idéias que formamos interiormente, sem ter recebido nem dado a seu respeito nenhuma comunicação humana.”

Tolerância e Caridade

CARTA DO NOVO ARCEBISPO DE ARGEL⁷

O *Vérité* de Lyon, de 17 de fevereiro, publica a seguinte carta, que monsenhor Lavigerie, bispo de Nancy, nomeado

⁷ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

arcebispo de Argel, escreveu ao Sr. Prefeito daquela cidade, em 15 de janeiro último:

“Senhor Prefeito,

“Acabo de saber, pelo *Moniteur*, da notícia oficial de minha promoção ao arcebispado de Argel e, embora não possa exercer nenhum ato de meu ministério na diocese, sem primeiro ter recebido a missão e a instituição da Santa-Sé, não posso ficar insensível aos acentos dolorosos que repercutem em toda a França e que nos chegam do pé do Atlas. A administração municipal de Argel tomou a generosa iniciativa de uma subscrição pública para as vítimas do último terremoto. Permitti-me que envie meu óbolo por vosso intermédio. Encontrareis anexa a soma de mil francos: é tudo que minha pobreza me permite fazer, mas esse pouco pelo menos o faço com todo o coração.

“Desejo que esta soma seja distribuída igualmente e sem distinção de raças nem de cultos, entre todos os que foram atingidos pelo flagelo. Se, mais tarde, nem todos devem reconhecer-me por pai, eu reclamo o privilégio de os amar igualmente como meus filhos. Tomei por divisa de minhas armas episcopais uma só palavra: caridade! e a caridade não conhece gregos, nem bárbaros, nem infieis, nem israelitas; assim como fala o apóstolo São Paulo, ela não vê em todos os homens senão a imagem viva de Deus! Possa eu, se ele me chamar logo ao vosso meio, dar a todos, por meus atos e palavras, o exemplo e o amor desta virtude, que prepara todas as outras.

“Dignai-vos aceitar, Senhor Prefeito, a expressão dos sentimentos de respeitoso devotamento com os quais tenho a honra de ser vosso humilde e obediente servo.”

Charles,

Bispo de Nancy, nomeado arcebispo de Argel

O novo arcebispo de Argel se anuncia por um ato de beneficência que é uma digna introdução. Mas o que ainda vale mais, o que sobretudo será apreciado, são os princípios de tolerância pelos quais inaugura sua administração. Em vez do anátema, é a caridade que confunde todos os homens num mesmo sentimento de amor, sem distinção de crença, porque todos são a viva imagem de Deus. Eis aí verdadeiras palavras evangélicas. Não fala dos espíritas, contra os quais seu predecessor havia lançado todos os raios da maldição (Vide a *Revista* de novembro de 1863). Mas é provável que se sua tolerância se estende aos judeus e aos infiéis, não pode fazer exceção para os que, de conformidade com as palavras do Cristo, inscrevem em sua bandeira: Fora da caridade não há salvação.

Lincoln e seu Assassino

EXTRAÍDO DO *BANNER OF LIGHT*, DE BOSTON

(Análise de uma comunicação de Abraão Lincoln por um médium de Ravenswood)

Quando Lincoln voltou de seu atordoamento e despertou no mundo dos Espíritos, ficou muito surpreendido e perturbado, porque não fazia a menor idéia de que estivesse morto. O golpe que o feriu suspendeu instantaneamente toda sensação, e ele não compreendeu o que lhe havia acontecido. Esta confusão e esta perturbação, contudo, não duraram muito. Ele era bastante espiritualista para compreender o que é a morte e, como muitos outros, não ficou admirado da nova existência para a qual fora transportado. Viu-se cercado por muitas pessoas, que sabia mortas há bastante tempo, e logo soube a causa de sua morte. Foi recebido cordialmente por muita gente por quem tinha simpatia. Compreendeu sua afeição por ele e, num olhar, pôde abarcar o mundo ditoso no qual havia entrado.

“No mesmo instante experimentou um sentimento de angústia pela dor por que devia passar sua família, e uma grande ansiedade a propósito das conseqüências que sua morte poderia acarretar ao país. Esses pensamentos o trouxeram violentamente à Terra.

“Tendo sabido que William Booth estava mortalmente ferido, veio a ele e curvou-se sobre seu leito de morte. Nesse momento, Lincoln tinha recobrado a perfeita consciência e a tranqüilidade de seu Espírito, e esperou com calma o despertar de Booth para a vida espiritual.

“Booth não ficou espantado ao despertar, porque esperava a morte. O primeiro Espírito que encontrou foi Lincoln; olhou-o com muita petulância, como se se glorificasse do ato que havia cometido. O sentimento de Lincoln a seu respeito, entretanto, não respirava nenhuma idéia de vingança, muito ao contrário; este se mostrou suave e bom e sem a mais leve animosidade. Booth não pôde suportar este estado de coisas, e o deixou cheio de emoção.

“O ato que ele cometeu teve vários motivos; primeiro, sua falta de raciocínio, que o fazia considerar esse ato como meritório e, depois, seu amor desregrado aos louvores que o tinham convencido de que seria cumulado de elogios e olhado como um mártir.

“Depois de ter vagado, sentiu-se de novo atraído para Lincoln. Às vezes enchia-se de arrependimento, outras vezes seu orgulho o impedia de emendar-se. Entretanto compreendia quanto seu orgulho era vão, sabendo sobretudo que não podia esconder, como em vida, nenhum dos sentimentos que o agitavam, e que seus pensamentos de orgulho, de vergonha ou de remorso são conhecidos dos que o cercam. Sempre em presença de sua vítima, e dela não recebendo senão marcas de bondade, eis o seu estado atual e a sua punição. Quanto a Lincoln, sua felicidade ultrapassa o que poderia ter esperado.”

Observação – A situação desses dois Espíritos é, em todos os pontos, conforme àquela que diariamente vemos exemplos nos relatos de além-túmulo. Ela é perfeitamente racional e em relação com o caráter dos dois indivíduos.

Poesia Espírita

A BERNARD PALISSY

Quando sobre o futuro incerto e flutuante,
 Duvidava pra mim dessa imortalidade,
 Vieste em meu socorro, e tua mão vibrante
 A venda retirou-me da incredulidade;
 Dize-me donde vem a doce simpatia
 Que te fazia vir da celeste morada?
 De uma vida passada a lembrança seria
 De um fraternal amor que em teu ser dera entrada?
 Caro Espírito, sim, pois que noutra existência
 Fostes talvez meu guia, apoio e protetor.
 Mas interrogo em vão: Deus, por providência
 Dos olhos meus tirou da lembrança o vigor
 Até o tempo em que a tua esfera então verei,
 Onde o meu ser a ti poderá se elevar!
 Mas se a esta Terra triste eu voltar deverei,
 Bem-amado Bernard, pensa sempre em mim.

Srta. L. O. Lieutaud, de Rouen

A Liga do Ensino

Vários de nossos correspondentes se admiraram por ainda não termos falado da associação designada sob o título de *Liga do Ensino*. Por seu caráter progressivo, esse progresso parece-lhes merecer as simpatias do Espiritismo; entretanto, antes de nele participar, desejariam ter a nossa opinião. Agradecendo-lhes esse novo testemunho de confiança, repetiremos o que lhes temos dito

muitas vezes, a saber: que jamais tivemos a pretensão de cercear a liberdade de ninguém, nem de impor nossas idéias a quem quer que seja, nem as considerando como devendo fazer lei. Guardando silêncio, quisemos não prejudicar a questão e deixar a cada um a mais inteira liberdade. Quanto ao motivo de nossa abstenção pessoal, não temos nenhuma razão de o calar e, já que desejam conhecê-lo, di-lo-emos francamente.

Nossa simpatia, como a de todos os espíritas, está naturalmente garantida a todas as idéias progressivas, a todas as instituições que tendem a propagá-las; mas ainda é necessário que tal simpatia tenha um objetivo determinado. Ora, até o presente a Liga do Ensino não nos oferece senão um *título*, sedutor é verdade, mas nenhum programa definido, nenhum plano traçado, nenhum objetivo preciso. Esse título tem, mesmo, o inconveniente de ser tão elástico que poderia prestar-se a combinações *muito divergentes* em suas tendências e em seus resultados. Cada um pode entendê-lo como quiser e, sem dúvida, imaginar, por antecipação, um plano conforme à sua maneira de ver; poderia, então, acontecer que, quando estivesse em execução, a coisa não correspondesse à idéia que certas pessoas tinham feito. Daí as inevitáveis defecções.

Mas, dizem, nada se arrisca, já que são os próprios subscritores que regularão o emprego dos fundos. – Razão a mais para que não se entendam e, nesse conflito de opiniões e de vistas diversas, forçosamente haverá decepções.

Ao contrário, com um objetivo bem definido, um plano claramente traçado, sabe-se em que se compromete, ou, pelo menos, se se adere a uma coisa praticável ou a uma utopia; pode-se apreciar a sinceridade da intenção, o valor da idéia, a combinação mais ou menos feliz das engrenagens, as garantias de estabilidade, e calcular as chances de êxito ou de insucesso. Ora, no caso, esta apreciação não é possível, porque a idéia fundamental é cercada de mistérios e deve ser aceita sob palavra como boa. Queremos

mesmo acreditá-la perfeita, nós a desejamos sinceramente, e quando o bem que dela deve sair nos for demonstrado e, sobretudo, quando lhe virmos o lado *prático*, nós o aplaudiremos de coração; mas, antes de dar a nossa adesão seja ao que for, queremos fazê-lo com conhecimento de causa; temos de ver muito claro em tudo o que fazemos e saber onde pomos o pé. No estado das coisas, não tendo os elementos necessários para louvar ou censurar, reservamos o nosso julgamento.

Esta maneira de ver é inteiramente pessoal e não deve induzir os que se julgam suficientemente esclarecidos.

Dissertações Espíritas

COMUNICAÇÃO COLETIVA

(Sociedade de Paris, 1º de novembro de 1866 – Médiun: Sr. Bertrand)

Como de hábito, estando a Sociedade reunida em 1º de novembro para a comemoração dos mortos, foram recebidas muitas comunicações, entre as quais sobretudo uma se distinguiu por sua feitura completamente nova, e que consiste numa série de pensamentos avulsos, cada um assinado por um nome diferente, que se encadeiam e se completam uns pelos outros. Eis esta comunicação:

Meus amigos, quantos Espíritos em torno de vós, que gostariam de comunicar-se e dizer o quanto vos amam! E como seríeis felizes se o nome de todos os que vos são caros fosse pronunciado à mesa dos médiuns! Que felicidade! que alegria para cada um de vós, se vosso pai, vossa mãe, vosso irmão, vossa irmã, vossos filhos e vossos amigos viessem falar convosco! Mas compreendeis que é impossível sejais todos satisfeitos: o número de médiuns não é suficiente. Mas o que não é impossível é que um Espírito, em nome de todos os vossos parentes e amigos, venha

dizer-vos: Obrigado por vossa boa lembrança e por vossas fervorosas preces; coragem! tende esperança de que um dia, depois da vossa libertação, viremos todos vos estender a mão. Ficai certos de que o que vos ensina o Espiritismo é o eco das leis do Todo-Poderoso; pelo amor tornai-vos todos irmãos, e aliviareis o fardo pesado que carregais.

Agora, caros amigos, todos os vossos Espíritos protetores virão trazer-vos o seu pensamento. Tu, médium, escuta e deixa teu lápis seguir suas idéias.

A Medicina faz o que fazem os lagostins espantados.

Dr. Demeure

Porque o magnetismo progride e, progredindo, esmaga a medicina atual, para a substituir proximamente.

Mesmer

A guerra é um duelo que só cessará quando os combatentes tiverem forças iguais.

Napoleão

Forças iguais material e moralmente.

General Bertrand

A igualdade moral reinará quando o orgulho for destituído.

General Brune

As revoluções são abusos que destroem outros abusos.

Luis XVI

Mas esses abusos fazem nascer a liberdade.

(Sem nome)

Para serem iguais é preciso que sejam irmãos. Sem fraternidade, nenhuma igualdade e nenhuma liberdade.

Lafayette

A Ciência é o progresso da inteligência.

Newton

Mas o que lhe é preferível é o progresso moral.

Jean Reynaud

A Ciência ficará estacionária até que a moral a tenha atingido.

François Arago

Para desenvolver a moral é preciso, antes, extirpar o vício.

Béranger

Para extirpar o vício é preciso desmascará-lo.

Eugène Sue

É o que todos os Espíritos fortes e superiores procuram fazer.

François Arago

Três coisas devem progredir: a música, a poesia, a pintura. A música transporta a alma ferindo o ouvido.

Meyerbeer

A poesia transporta a alma abrindo o coração.

Casimir Delavigne

A pintura transporta a alma afagando os olhos.

Flandrin

Portanto a poesia, a música e a pintura são irmãs e se dão as mãos; uma para adoçar o coração, a outra para abrandar os costumes e a última para abrir a alma; as três para vos elevar ao Criador.

Alfred de Musset

Mas nada, nada deve progredir mais momentaneamente do que a filosofia; ela deve dar um passo imenso, deixando estacionar a Ciência e as artes, mas para as elevar tão alto, quando for tempo, porque essa elevação seria muito súbita para vós hoje.

Em nome de todos,

São Luís

No dia 6 de dezembro o Sr. Bertrand recebeu, no grupo do Sr. Desliens, uma comunicação do mesmo gênero, que, de certo modo, é continuação da precedente:

O amor é uma lira cujas vibrações são acordes divinos.

Heloísa

O amor tem três cordas em sua lira: a emanção divina, a poesia e o canto; se faltar uma delas, os acordes serão imperfeitos.

Abelardo

O amor verdadeiro é harmonioso; suas harmonias inebriam o coração, elevando a alma. A paixão afoga os acordes, rebaixando a alma.

Bernardin de Saint-Pierre

Era o amor que Diógenes buscava, procurando um homem... que veio alguns séculos mais tarde, e que o ódio, o orgulho e a hipocrisia crucificaram.

Sócrates

Os sábios da Grécia por vezes o foram mais nos escritos e nas palavras que em sua pessoa.

Platão

Ser sábio é amar; busquemos, pois, o amor pelo caminho da sabedoria.

Fénelon

Não sabeis ser sábios se não souberdes vos elevar acima da maldade dos homens.

Voltaire

Sábio é aquele que não acredita sê-lo.

Corneille

Quem se julga pequeno é grande; quem se julga grande é pequeno.

Lafontaine

O sábio julga-se ignorante e quem se julga sábio é ignorante.

Esopo

A humildade ainda se crê orgulhosa e quem se crê humilde não o é.

Racine

Não confundais com os humildes os que dizem, por falsa modéstia, ou por interesse, o contrário do que são. Erraríeis. No caso a verdade silencia.

Bonnefond

O gênio se possui por inspiração e não se adquire; Deus quer que as maiores coisas sejam descobertas ou inventadas por seres sem instrução, a fim de paralisar o orgulho, tornando o homem solidário do homem.

François Arago

Só tratam de loucos aqueles cujas idéias não são chanceladas pela autoridade da Ciência; é assim que os que julgam tudo saber, rejeitam os pensamentos de gênio dos que nada sabem.

Béranger

A crítica é o estimulante do estudo, mas é a paralisação do gênio.

Molière

A ciência aprendida não passa de um esboço da ciência inata; não se torna inteligência senão na nova encarnação.

J.-J. Rousseau

A encarnação é o sono da alma; as peripécias da vida são os seus sonhos.

Balzac

Às vezes a vida é horróroso pesadelo para o Espírito e muitas vezes custa a terminar.

La Rochefoucault

Aí está sua prova; se resiste, dá um passo para o progresso; senão entrava o caminho que deve conduzir ao porto.

Martin

Ao despertar da alma que saiu vitoriosa das lutas terrenas, o Espírito está maior e mais elevado; se sucumbir, encontra-se tal qual estava.

Pascal

É renegar o progresso querer que a língua seja emblema da imutabilidade de uma doutrina religiosa; além disso, é forçar o homem a orar mais com os lábios que com o coração.

Descartes

A imutabilidade não reside na forma das palavras, mas sobretudo no verbo do pensamento.

Lamennais

Jesus dizia aos seus apóstolos que fossem pregar o Evangelho em sua língua, e que todos os povos os compreenderiam.

Lacordaire

A fé desinteressada faz milagres.

Boileau

A doutrina de Jesus não se sente nem se compreende senão pelo coração; assim, seja qual for a maneira por que a falam, ela é sempre o amor e a caridade.

Bossuet

As preces ditas ou escritas que não se compreende, deixam vagar o pensamento, permitindo que os olhos se distraiam pelo fausto das cerimônias.

Massillon

Tudo mudará, sem, contudo, voltar à simplicidade de outrora, o que seria a negação do progresso. As coisas se farão sem fausto e sem orgulho.

Sibour

O amor triunfará e, com ele, virão a sabedoria, a caridade, a prudência, a força, a Ciência, a humildade, a calma, a justiça, o gênio, a tolerância, o entusiasmo e a glória majestosa e divina esmagará, por seu esplendor, o orgulho, a inveja, a hipocrisia, a maldade e o ciúme, que arrastam no seu séqüito a preguiça, a gula e a luxúria.

Eugène Sue

O amor reinará; e, para que não tarde, é preciso, como Dionísio, tomar com uma mão o facho do Espiritismo e mostrar aos humanos os vermes roedores que formam a chaga em sua alma.

São Luís

Observação – Este gênero de comunicação levanta uma questão importante. Como os fluidos de tão grande número de Espíritos podem assimilar-se quase instantaneamente com o fluido

do médium, para lhe transmitir seu pensamento, quando muitas vezes essa assimilação é difícil da parte de um único Espírito, e geralmente não se estabelece senão com o tempo?

O guia espiritual do médium parece tê-lo previsto, porque dois dias depois lhe deu, espontaneamente, a seguinte explicação:

“A comunicação que recebestes no dia de Todos os Santos, assim como a última, que é o seu complemento, embora haja nomes repetidos, foram obtidas da seguinte maneira: como sou teu Espírito protetor, meu fluido é similar ao teu. Coloquei-me acima de ti, transmitindo-te o mais exatamente possível os pensamentos e os nomes dos Espíritos que desejavam manifestar-se. Eles formaram em torno de mim uma assembléia cujos membros ditavam, alternadamente, os pensamentos que eu te transmitia. Isto foi espontâneo e o que naquele dia tornava as comunicações mais fáceis é que os Espíritos presentes tinham *saturado* o apartamento com seus fluidos.

“Quando um Espírito se comunica a um médium, fá-lo com tanto mais facilidade quanto melhor estabelecidas entre eles as relações fluídicas, sem o que o Espírito é obrigado, para comunicar seu fluido ao médium, a estabelecer uma espécie de corrente magnética, que alcança o cérebro deste último; e se o Espírito, em razão de sua inferioridade, ou por qualquer outra causa, não pode estabelecer esta corrente, recorre à assistência do guia do médium, e as relações se estabelecem como acabo de indicar.”

Slener

Uma outra pergunta é esta: No número destes Espíritos não há alguns encarnados neste e em outros mundos e, neste caso, como podem comunicar-se? Eis a resposta que foi dada:

“Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite comunicar-se simultaneamente em vários pontos. Nalguns, o estado de encarnação não amortece essa radiação de maneira bastante completa para os impedir de se manifestarem, mesmo em vigília. Quanto mais avançado o Espírito, tanto mais fracos são os laços que o unem à matéria do corpo; está num estado de quase constante desprendimento e se pode dizer que está onde está o seu pensamento.”

Um Espírito

MANGIN, O CHARLATÃO

Todo o mundo conheceu esse vendedor de lápis que, montado num carro ricamente decorado, com um capacete brilhante e uma roupa extravagante, por muitos anos foi uma das celebridades das ruas de Paris. Não era um charlatão vulgar e os que o conheceram pessoalmente eram concordes em lhe reconhecer uma inteligência pouco comum, uma certa elevação de pensamento e qualidades morais acima de sua profissão nômade. Morreu o ano passado e, desde então, comunicou-se várias vezes, espontaneamente, com um dos nossos médiuns. Conforme o caráter que lhe reconheciam, não será de admirar o verniz filosófico que se encontra em suas comunicações.

(Paris, 20 de dezembro de 1866 – Grupo do Sr. Desliens
– Médium: Sr. Bertrand)

O LÁPIS

O lápis é a palavra do pensamento. Sem o lápis o pensamento fica mudo e incompreensível para os vossos sentidos grosseiros. O lápis é a alma ofensiva e defensiva do pensamento; é a mão que fala e se defende.

O lápis!... e sobretudo o lápis Mangin!... Oh! perdão... eis que me torno egoísta!... Mas por que eu não poderia, como

outrora, elogiar os meus lápis? Não são bons?... Tendes de que vos queixar? Ah! se eu ainda estivesse em meu veículo francês, com meu costume romano... acreditar-me-íeis... Eu sabia fazer tão bem minha propaganda e o pobre bobo julgava branco o que era preto, simplesmente porque Mangin, o célebre charlatão, o havia dito!... Eu disse charlatão... Não, é preciso dizer propagandista... Vamos! charlatães, desatai os cordões de vossa bolsa; comprai esses soberbos lápis, mais negros que a tinta e duros como pedra... Acorrei, acorrei: a venda vai terminar!... Ah! o que foi mesmo que eu disse?... Palavra de honra! creio que me engano de papel e que acabei muito mal, depois de ter começado bem...

Todos vós, munidos de lápis, sentados em redor desta mesa, ide dizer e provai aos jornalistas orgulhosos que Mangin não está morto. Ide dizer aos que esqueceram minha mercadoria, porque eu não estava mais lá, para os fazer acreditar em suas admiráveis qualidades; ide dizer a todo o mundo que ainda vivo e que, se morri, foi para viver melhor...

Ah! senhores jornalistas, zombáveis de mim e, contudo, se em vez de me considerar como um charlatão a roubar o dinheiro do povo, me tivésseis estudo mais atentamente e filosoficamente, teríeis reconhecido um ser com reminiscências de seu passado. Teríeis compreendido o porquê de meu gosto por este costume de guerreiro romano, o porquê deste amor às arengas em praça pública. Então, sem dúvida, teríeis dito que eu tinha sido soldado ou general romano e não vos teríeis enganado.

Vamos! vamos! então comprai lápis e usai-os; mas servi-vos deles utilmente, não como eu para perorar sem motivo, mas para propagar esta bela doutrina que muitos dentre vós não seguis senão de muito longe.

Armai-vos, pois, de vossos lápis e abri uma larga estrada neste mundo de incredulidade. Fazei tocar com o dedo a

todos estes São-Tomás incrédulos as sublimes verdades do Espiritismo, que um dia farão que todos os homens sejam irmãos.

Mangin

(Grupo do Sr. Delanne – 14 de janeiro de 1867 – Médiun: Sr. Bertrand)

O PAPEL

Falei do lápis e do charlatanismo, mas ainda não falei do papel. Sem dúvida é porque me reservava fazê-lo esta noite.

Ah! como eu gostaria de ser papel! não quando ele se avilta a fazer o mal, mas, ao contrário, quando cumpre seu verdadeiro papel, que é fazer o bem! Com efeito, o papel é o instrumento que, juntamente com o lápis, semeia aqui e ali nobres pensamentos do espírito. O papel é o livro aberto onde cada um pode colher com o olhar os conselhos úteis à sua viagem terrestre!...

Ah! como eu gostaria de ser papel, a fim de cumprir com ele o papel de moralizador e de instrutor, dando a cada um o encorajamento necessário para suportar com firmeza os males que, tantas vezes, são causas de vergonhosas fraquezas!...

Ah! se eu fosse papel aboliria todas as leis egoístas e tirânicas, para não deixar irradiar senão as que proclamam a igualdade. Eu só falaria de amor e de caridade. Queria que todos fossem humildes e bons, que o mau se tornasse melhor, que o orgulhoso se tornasse humilde, que o pobre se tornasse rico, enfim, que a igualdade surgisse e, em todas as bocas, fosse como a expressão da verdade e não a esperança de ocultar o egoísmo e a tirania, que dominam o coração.

Se eu fosse papel, queria ser branco para a inocência, e verde para quem não tem esperança de um alívio para seus males. Queria ser ouro nas mãos do pobre, felicidade nas mãos do aflito,

bálsamo nas do doente. Queria ser o perdão de todas as ofensas. Não condenaria, não maldiria, não lançaria anátemas; não criticaria com malevolência; nada diria que pudesse prejudicar a alguém. Enfim, faria o que fazeis: apenas ensinar o bem e falar desta bela doutrina que vos reúne a todos e sob todas as formas; professaria sempre esta sublime máxima: Amai-vos uns aos outros.

Aquele que gostaria de voltar à Terra, não charlatão, não para vender apenas lápis, mas para a isto juntar a venda de papel e que diria a todos: o lápis não pode ser útil sem o papel e o papel não pode dispensar o lápis.

Mangin

A SOLIDARIEDADE

(Paris, 26 de novembro de 1866 – Médiun: Sr. Sabb...)

Glória a Deus e paz aos homens de boa vontade!

O estudo do Espiritismo não deve ser vão. Para certos homens levianos, é uma diversão; para os homens sérios, deve ser sério.

Antes de tudo refleti numa coisa. Não estais na Terra para aí viver à maneira dos animais, para vegetar à maneira de gramíneas ou de árvores. As gramíneas e árvores têm a vida orgânica, mas não têm a vida inteligente, como os animais não têm a vida moral. Tudo vive, tudo respira em a Natureza, mas só o homem sente e se sente.

Como são lamentáveis e insensatos aqueles que se desprezam a ponto de se compararem a um pé de erva ou a um elefante! Não confundamos os gêneros nem as espécies. Não são grandes filósofos e grandes naturalistas que, por exemplo, vêem no Espiritismo uma nova edição da metempsicose e, sobretudo, de uma metempsicose absurda. A metempsicose não é outra coisa

senão o sonho de um homem de imaginação. Um animal, um vegetal produz o seu congêner, nada mais, nada menos. Que isto seja dito para impedir velhas idéias falsas de serem novamente acreditadas, à sombra do Espiritismo.

Homem, sede homem; sabeis de onde vindes e para onde ides. Sois o filho amado dAquele que tudo fez e vos deu um fim, um destino que deveis realizar sem o conhecer absolutamente. Éreis necessário aos seus desígnios, à sua glória, à sua própria felicidade? Questões inúteis, porque insolúveis. Vós *sois*; sede reconhecidos por isto; mas *ser* não é tudo; é preciso ser segundo as leis do Criador, que são as vossas próprias leis. Lançado na existência, sois ao mesmo tempo causa e efeito. Ao menos quanto ao presente, não podeis determinar o vosso papel, nem como causa, nem como efeito, mas podeis seguir as vossas leis. Ora, a principal é esta: O homem não é um ser isolado, é um ser coletivo. O homem é solidário do homem. É em vão que procura o complemento de seu ser, isto é, a felicidade em si mesmo ou no que o cerca isoladamente; não pode encontrá-lo senão no *homem* ou na *Humanidade*. Então nada fazeis para ser pessoalmente feliz, tanto quanto a infelicidade de um membro da Humanidade, de uma parte de vós mesmo, poderá vos afligir.

Mas, direis, é a moral que ensinai. Ora, a moral é um velho lugar-comum. Olhai em torno de vós: que há de mais ordinário, de mais comum que a sucessão periódica do dia e da noite, que a necessidade de vos alimentardes e de vos vestirdes? É para isto que tendem todos os vossos cuidados, todos os vossos esforços. E é necessário, pois assim o exige a parte material do vosso ser. Mas a vossa natureza não é dupla, e não sois mais espírito do que corpo? Como, pois, vos é mais difícil ouvir lembrar as leis morais do que as leis físicas, que aplicais a todo instante? Se fôsseis menos preocupados e menos distraídos essa repetição não seria tão necessária.

Não nos afastemos de nosso assunto. Bem compreendido, o Espiritismo é, para a vida da alma, o que o trabalho material é para a vida do corpo. Ocupai-vos dele com este objetivo e ficai certos de que quando tiverdes feito, para o vosso melhoramento moral, a metade do que fazeis para melhorar a vossa existência material, tereis feito a Humanidade dar um grande passo.

Um Espírito

TUDO VEM A SEU TEMPO

(Odessa, Grupo Familiar, 1866 – Médiun: Srta. M...)

Pergunta – Lendo as experiências magnéticas no *Vérité* de 1866, estava maravilhado e pensava intimamente que esta força tão admirável talvez pudesse ser a causa de todas as maravilhas, de todas as belezas, incompreensíveis para nós, dos planetas superiores, e cuja descrição nos dão os Espíritos. Peço aos Espíritos bons que me esclareçam a respeito.

Resposta – Pobres homens! A avidez de saber, a devoradora impaciência de ler o livro da Criação, vos transtorna a cabeça e deslumbra os vossos olhos habituados à escuridão, quando caem sobre algumas passagens que o vosso espírito, ainda escravo da matéria, não é capaz de compreender. Mas tende paciência, os tempos são chegados. O grande arquiteto já começa a desenrolar diante dos vossos olhos o plano do edifício do Universo, já levanta uma ponta do véu que vos oculta a verdade, e um raio de luz vos ilumina. Contentai-vos com essas premissas; habituai os vossos olhos à doce claridade da aurora, até que possam suportar o esplendor do Sol em todo o seu vigor.

Agradecei ao Todo-Poderoso, cuja bondade infinita poupa a vossa vista fraca, erguendo gradualmente o véu que a cobre. Se o levantasse de uma vez, ficaríeis deslumbrados e nada veríeis; recairíeis na dúvida, na confusão, na ignorância da qual

apenas saís. Já vos foi dito que tudo vem a seu tempo: não o antecipeis por vossa grande avidez de tudo saber. Deixai ao Senhor a escolha do método que julgue mais conveniente para vos instruir. Tendes diante de vós uma obra sublime: “A Natureza, sua essência, suas forças.” Ela começa pelo abecê. Aprendei primeiro a soletrar, a compreender as primeiras páginas; progredi com paciência e perseverança e chegareis ao fim, ao passo que, saltando páginas e capítulos, o conjunto vos parece incompreensível. Aliás, não está nos desígnios do Todo-Poderoso que o homem saiba tudo. Conformai-vos, pois, com a sua vontade: ela tem por objetivo o vosso bem.

Lede no grande livro da Natureza; instruí-vos, esclarecei o vosso espírito, contentai-vos em saber o que Deus julga a propósito vos ensinar durante vossa passagem na Terra; não tereis tempo de chegar à última página e não a lereis senão quando estiverdes desligados da matéria, quando vossos sentidos espiritualizados vos permitirem compreendê-lo.

Sim, meus amigos, aprendei e instrui-vos e, antes de tudo, progredi em moralidade pelo amor do próximo, pela caridade, pela fé: é o essencial, é o passaporte à vista do qual as portas do santuário infinito vos são abertas.

Humboldt

RESPEITO DEVIDO ÀS CRENÇAS PASSADAS

(Paris, Grupo Delanne, 4 de fevereiro de 1867 – Médium: Sr. Morin)

A fé cega é o pior de todos os princípios! Crer com fervor num dogma qualquer, quando a sã razão se recusa a aceitá-lo como uma verdade, é fazer ato de nulidade e privar-se voluntariamente do mais belo de todos os dons que nos concedeu o Criador; é renunciar à liberdade de julgar, ao livre-arbítrio que deve presidir a todas as coisas na medida da justiça e da razão.

Geralmente os homens são negligentes e não crêem numa religião senão por desencargo de consciência e para não rejeitar inteiramente as boas e doces preces que embalaram a sua juventude e que sua mãe lhes ensinou ao pé do fogo, quando a noite trazia consigo a hora do sono. Mas se esta lembrança por vezes se apresenta ao seu espírito, é, no mais das vezes, com um sentimento de pesar que eles fazem um retorno a esse passado, onde as preocupações da idade madura ainda estavam mergulhadas na noite do futuro.

Sim, todo homem tem saudade desta idade despreocupada e pouquíssimos podem pensar em seus jovens anos!... Mas, que deles resta um instante depois?... – Nada!...

Comecei dizendo que a fé cega era perniciosa; mas nem sempre se deve rejeitar como essencialmente mau tudo quanto parece manchado de abuso, composto de erros e, sobretudo, inventado à vontade, para a glória dos orgulhosos e benefício dos interessados.

Espíritas, deveis saber melhor que ninguém que nada se realiza sem a vontade do Senhor supremo; cabe a vós refletir antes de formular o vosso julgamento. Os homens são vossos irmãos encarnados e é possível que *numerosos trabalhos dos tempos antigos sejam obras vossas, realizadas numa existência anterior*. Os espíritas devem, antes de tudo, ser lógicos com seu ensino e não atirar pedra às instituições e às crenças de outros tempos, só porque são de outra época. A sociedade atual precisou, para ser o que é, que Deus lhe concedesse, pouco a pouco, a luz e o saber.

Não vos cabe, pois, julgar se os meios empregados por ele eram bons ou maus. Não aceiteis senão o que vos pareça racional e lógico; mas não vos esqueçais de que as coisas velhas tiveram a sua juventude e que o que ensinai hoje se tornará velho por sua vez. Respeito, pois, à velhice! Os velhos são vossos pais,

como as coisas velhas foram precursoras das coisas novas. Nada envelhece, e se faltais a esse princípio por tudo o que é venerável, faltais ao vosso dever, mentis à doutrina que professais.

As velhas crenças elaboraram a renovação que começa a realizar-se!... Todas, conquanto não fossem exclusivamente materiais, possuíam uma centelha da verdade. Lamentai os abusos que se introduziram no ensino filosófico, mas perdoai os erros de outra época, se, por vossa vez, quiserdes ser desculpados pelos vossos, ulteriormente. Não deis vossa fé ao que vos parece mau, mas não creiais também que tudo quanto hoje vos é ensinado seja expressão da verdade absoluta. Crede que em cada época Deus alarga os horizontes dos conhecimentos, em razão do desenvolvimento intelectual da Humanidade.

Lacordaire

A COMÉDIA HUMANA

(Paris, Grupo Desliens, 29 de novembro de 1866 – Médium: Sr. Desliens)

A vida do Espírito encarnado é como um romance, ou antes, como uma peça teatral, da qual cada dia se percorre uma folha contendo uma cena. O autor é o homem; as personagens são as paixões, os vícios e as virtudes, a matéria e a inteligência, disputando a posse do herói, que é o Espírito. O público é o mundo em geral durante a encarnação, os Espíritos na erraticidade, e o censor que examina a peça para a julgar em última instância e proferir uma censura ou um louvor é Deus.

Fazei, pois, de modo que sejais aplaudido o maior número de vezes possível e que só raramente cheguem aos vossos ouvidos o barulho desagradável dos assobios. Que a intriga seja sempre simples, e não busqueis interesse senão nas situações naturais, que possam servir para fazer triunfar a virtude, desenvolver a inteligência e moralizar o público.

Durante a execução da peça, a cabala posta em movimento pela inveja, pode tentar criticar as melhores passagens e só incensar as que são medíocres ou más. Fechai os ouvidos a essas bajulações e lembrai-vos de que a posteridade vos apreciará no vosso justo valor! Deixareis um nome obscuro ou ilustre, manchado de vergonha ou coberto de glória, conforme o mundo; mas, quando a peça estiver terminada e a cortina, caída sobre a última cena, vos puser em presença do regente universal, do diretor infinitamente poderoso do teatro onde se passa a comédia humana, não haverá bajuladores, nem cortesãos, nem invejosos, nem ciumentos: estareis sós com o juiz supremo, imparcial, eqüitativo e justo.

Que a vossa obra seja séria e moralizadora, porque é a única que tem algum peso na balança do Todo-Poderoso.

É preciso que cada um dê à sociedade ao menos o que dela recebe. Aquele que, tendo recebido a assistência corporal e espiritual, que lhe permite viver, se vai sem ao menos restituir o que gastou, é um ladrão, porque desperdiçou uma parte do capital inteligente e nada produziu.

Nem todo o mundo pode ser homem de gênio, mas todos podem e devem ser honestos, bons cidadãos, e devolver à sociedade o que a sociedade lhes emprestou.

Para que o mundo esteja em progresso, é preciso que cada um deixe uma lembrança útil de sua personalidade, uma cena a mais nesse número infinito de cenas úteis que os membros da Humanidade deixaram, desde que a vossa Terra serve de lugar de habitação dos Espíritos.

Fazei, pois, que leiam com interesse cada uma das folhas de vosso romance, e que não o percorram apenas com o olhar, para o fechar com enfado, depois de o ter lido pela metade.

Notas Bibliográficas

LÚMEN

RELATO EXTRATERRENO

(Por Camille Flammarion, Professor de Astronomia, adido
ao Observatório de Paris)

Isto não é um livro, mas um artigo que poderia constituir um livro interessante e, sobretudo, instrutivo, porque os seus dados são fornecidos pela ciência positiva e tratados com a clareza e a elegância que o jovem sábio exhibe em todos os seus escritos. O Sr. Camille Flammarion é conhecido de todos os nossos leitores por sua excelente obra sobre a *Pluralidade dos Mundos Habitados* e por artigos científicos que publica no *Siècle*. Este de que vamos dar conta foi publicado na *Revue du XIX^e Siècle* de 1^o de fevereiro de 1867.⁸

O autor imagina um diálogo entre um indivíduo vivo chamado *Sitiens*, e o Espírito de um de seus amigos, chamado *Lúmen*, que lhe descreve seus últimos pensamentos terrestres, as primeiras sensações da vida espiritual e as que acompanham o fenômeno da separação. Este quadro é de perfeita conformidade com o que os Espíritos nos ensinaram a respeito; é o mais genuíno Espiritismo, menos a palavra, que não é pronunciada. Poder-se-á julgá-lo pelas citações seguintes:

“A primeira sensação de identidade que se experimenta depois da morte assemelha-se à que se sente ao despertar durante a vida, quando, recobrando pouco a pouco a consciência pela manhã, ainda se é atravessado pelas visões da noite. Solicitado pelo futuro e pelo passado, o Espírito busca ao mesmo tempo retomar plena posse de si mesmo e captar as impressões fugidias do sonho

8 Cada número forma um volume de 160 páginas grande in-8. Preço: 2 fr. Paris, Livraria Internacional, 15, boulevard Montmartre, e 18, avenue Montaigne, Palais Pompéien.

que acabara de ter, que ainda perduram com seu cortejo de quadros e acontecimentos. Por vezes, absorvido por esta retrospectiva de um sonho cativante, ele sente nas pálpebras que se fecham a corrente da visão se restabelecendo, e o espetáculo continuando; cai ao mesmo tempo no sonho e numa espécie de semi-sono. Assim se equilibra a nossa faculdade pensante ao sair desta vida, entre uma realidade que ainda não compreende e um sonho que não desapareceu completamente.”

Observação – Nesta situação do Espírito, nada há de surpreendente que alguns não se julguem mortos.

“A morte não existe. O fato que designais sob esse nome, a separação entre o corpo e a alma, a bem dizer não se efetua sob uma forma material comparável às separações químicas dos elementos dissociados, observada no mundo físico. Quase não se percebe esta separação definitiva, que nos parece tão cruel, mas que o recém-nascido não percebe ao nascer; *fomos concebidos para a vida futura, como nascemos para a vida terrena*. Apenas a alma, não mais estando envolvida nas vestes corporais, que a revestiam aqui, adquire mais prontamente a noção de seu estado e de sua personalidade. Contudo, essa faculdade de percepção varia essencialmente de uma alma a outra. Umhas há que, durante a vida do corpo, nunca se elevaram para o céu e jamais se sentiram ansiosas por penetrar as leis da criação. Estas, ainda dominadas pelos apetites corporais, ficam muito tempo num estado de perturbação inconsciente. Felizmente há outras que, desde esta vida, alçam vôo nestas aspirações aladas para os cimos da beleza eterna; estas vêem chegar com calma e serenidade o instante da separação; sabem que o progresso é a lei da existência e que entrarão, no além, numa vida superior à de cá; seguem passo a passo a letargia que lhes sobe no coração, e quando a última batida, lenta e insensível, o detém em seu curso, já estão acima do corpo, cujo adormecimento observam e, libertando-se dos laços magnéticos, sentem-se rapidamente transportadas, por uma força

desconhecida, para o ponto da criação onde suas aspirações, seus sentimentos, suas esperanças as atraem.

“Os anos, os dias e as horas são constituídos pelos movimentos da Terra. Fora desses movimentos o tempo terreno *não existe mais* no espaço; é, pois, absolutamente impossível ter noção desse tempo.”

Observação – Isto é rigorosamente certo. Assim, quando os Espíritos querem especificar uma duração inteligível para nós, são obrigados a se identificarem novamente com os hábitos terrestres, a se refazerem homens por assim dizer, a fim de se servirem dos mesmos pontos de comparação. Logo depois da libertação, o Espírito Lúmen é transportado com a rapidez do pensamento para o grupo de mundos que compõem o sistema da estrela designada em astronomia sob o nome de *Capela* ou *Cabra*. A teoria que ele dá da visão da alma é notável.

“A visão de minha alma tinha um poder incomparavelmente superior à dos olhos do organismo terrestre, que eu acabava de deixar; e, observação surpreendente, seu poder me parecia submetido à vontade. Basta que vos faça pressentir que, em vez de ver simplesmente as estrelas no céu, como as vedes na Terra, eu distinguia claramente os mundos que gravitam em volta; quando eu desejava não mais ver a estrela, a fim de não ficar incomodado pelo exame desses mundos, ela desaparecia de minha visão e me deixava em excelentes condições para observar um desses mundos. Além disso, quando minha vista se concentrava num mundo particular, eu chegava a distinguir os detalhes de sua superfície, os continentes e os mares, as nuvens e os rios. Por uma intensidade particular de concentração na visão de minha alma, eu conseguia ver o objeto sobre o qual ela se concentrava, por exemplo, uma cidade, um campo, os edifícios, as ruas, as casas, as árvores, os atalhos; reconhecia mesmo os habitantes e seguia as pessoas nas ruas e nas habitações. Para isto bastava limitar o meu pensamento ao quarteirão, à casa ou ao indivíduo que eu queria observar. No mundo nas proximidades do qual eu acabava de chegar, os seres, não encarnados num invólucro grosseiro como na

Terra, mas livres e dotados de faculdades de percepção elevadas num eminente grau de poder, podem perceber distintamente detalhes que, a essa distância, escapariam absolutamente aos olhos das organizações terrestres.

Sitiens – Para isto eles se servem de instrumentos superiores aos nossos telescópios?

Lúmen – Se, por ser menos rebelde à admissão desta maravilhosa faculdade, vos é mais fácil concebê-los munidos de instrumentos, teoricamente o podeis. Mas devo advertir-vos que esses tipos de instrumentos não são *exteriores a esses seres*, e que pertencem ao *próprio organismo de sua vista*. É claro que essa construção óptica e esse poder de visão são naturais nesses mundos e não sobrenaturais. Pensai um pouco nos insetos que gozam da propriedade de contrair ou de alongar os olhos, como os tubos de uma luneta, de inflar ou aplanar o cristalino para dele fazer uma lente de diferentes graus, ou ainda concentrar no mesmo foco uma porção de olhos assestados como outros tantos microscópios, para captar o infinitamente pequeno, e podereis mais legitimamente admitir a faculdade desses seres extraterrenos.”

O mundo onde se acha Lúmen está a uma distância tal da Terra que a luz não chega de um ao outro senão ao cabo de setenta e dois anos. Ora, nascido em 1793 e morto em 1864, à sua chegada em Capela, de onde lança o olhar sobre Paris, Lúmen não conhece mais a Paris que acaba de deixar. Os raios luminosos partidos da Terra, só chegando a Capela depois de setenta e dois anos, trar-lhe-iam a imagem do que aí se passava em 1793.

Eis a parte realmente científica do relato. Todas as dificuldades aí são resolvidas da maneira mais lógica. Os dados, admitidos em teoria pela Ciência, aí são demonstrados pela experiência; mas não podendo essa experiência ser feita diretamente pelos homens, o autor supõe um Espírito que dá conta

de suas sensações, e colocado em condições de poder estabelecer uma comparação entre a Terra e o mundo que habita.

A idéia é engenhosa e nova. É a primeira vez que o Espiritismo verdadeiro e sério, embora anônimo, é associado à ciência positiva, e isto por um homem capaz de apreciar um e outra, e de captar o traço de união que um dia os deverá ligar. Este trabalho, ao qual reconhecemos, sem restrição, uma importância capital, parece-nos ser um daqueles que os Espíritos nos anunciaram como devendo marcar o presente ano. Analisaremos esta segunda parte num próximo artigo.

NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA⁹

(Pelo Dr. Brízio, de Turim)

Não conhecemos esta obra senão pelo prospecto em língua italiana, que nos foi enviado, mas só podemos nos alegrar de ver o ardor das nações estrangeiras em seguir o movimento espírita, e cumprimentar os homens de talento, que entram no caminho das aplicações do Espiritismo à Ciência. A obra do doutor Brízio será publicada em 20 ou 30 fascículos, a 20 c. cada, e a impressão será começada desde que haja 300 subscrições. Subscrição em Turim, na Livraria Degiorgis, via Nuova.

O LIVRO DOS MÉDIUNS – TRADUÇÃO EM ESPANHOL¹⁰

Tradução em espanhol, da 9^a edição francesa. Madri – Barcelona – Marselha – Paris, no escritório da *Revista Espírita*.

Allan Kardec

9, 10 N. do T.: Embora Kardec já tivesse anunciado estes dois livros na *Revista Espírita* do mês de fevereiro de 1867, página 98, houve por bem repeti-los aqui.